

al. mar. az

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265 [semestral]

online

#26 (tomo 1) Jan. 2023

QUINTA DO ALMARAZ (ALMADA)

um projecto de
investigação
científica

Para um debate sobre
a Arqueologia marítima
em Portugal

Uma nova visão do
Castelo da Crespa (Serpa)

Os barcos
saleiros de Aveiro e
da Figueira da Foz



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Luís Barros e Jorge Raposo

Pormenor de compartimento com piso em argila identificado no Sítio Arqueológico da Quinta do Almaraz, em Almada, no âmbito de projecto de investigação iniciado em 2020, que retoma o estudo deste importante povoado da Idade do Ferro.

Foto | © Ana Olaio, Telmo António, Jorge Almeida e João Santos



2.ª Série, N.º 26, Tomo 1, Janeiro 2023

Proprietário e editor |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

Sede do editor e da redacção |

Travessa Luís Teotónio Pereira,
Cova da Piedade, 2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | c.arqueo.alm@gmail.com

Internet | www.almadan.publ.pt

ISSN | 2182-7265

Estatuto editorial |

www.almadan.publ.pt

Distribuição |

http://issuu.com/almadan

Periodicidade | Semestral

Apoio | Câmara Municipal de Almada /
Associação dos Arqueólogos Portugueses /
Arqueohoje - Conservação e Restauro
do Património Monumental, Ld.ª /
Dryas - Octopétala, Ld.ª / Câmara
Municipal de Oeiras / Neoépica, Ld.ª

Director |

Jorge Raposo

(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Centro de Arqueologia
de Almada (c.arqueo.alm@gmail.com)

Conselho científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

Resumos | Autores e Jorge Raposo
(português), Luísa Pinho (inglês)
e Maria Isabel dos Santos
(francês)

Modelo gráfico, tratamento de imagem e paginação electrónica |

Jorge Raposo

Revisão | Autores e
Fernanda Lourenço

Colaboram neste tomo |

Jorge Almeida, Rubim Almeida, Telmo
António, José Bettencourt, Patrícia
Brum, Daniel Van Calker, Francisco
Curate, Cátia Delicado, Diogo Teixeira
Dias, Rita Dias, José d'Encarnação,
Lídia Fernandes, João Fonte, Jorge
Freire, Vanessa Gaspar, Gerardo Vidal
Gonçalves, Carolina Grilo, Rafael
Jaime Henriques, Raquel Henriques,
João Hipólito, Paulo Lemos, Maria
João Marques, María Martín-Seijo,
Vanessa Navarrete, António Neves,
Manuel Nunes, Ana Olaio, José Pedro,

Dina Borges Pereira, Franklin Pereira,
Júlio Manuel Pereira, Tiago do Pereira,
Natália Quitério, Luís Rendeiro, Rui
Ribolhos, Augusto Salgado, João
Santos, Luís Seabra, Luís Gonçalves
Seco, Miguel Serra, João Pedro Tereso,
André Texugo e Marco Valente

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan Online*
não seguem o Acordo Ortográfico de 1990.
No entanto, a revista respeita a vontade
dos autores, incluindo nas suas páginas tanto
artigos que partilham a opção do editor
como aqueles que aplicam o dito Acordo.

A investigação arqueológica e antropológica que tem vindo a incidir sobre sítios e contextos do núcleo urbano da cidade de Almada ocupa um espaço de destaque neste tomo da *Al-Madan Online*. Aí se inclui a partilha dos resultados iniciais do projecto científico que encerrou um hiato de quase 20 anos e, desde 2020, retomou os trabalhos na Quinta do Almaraz, um dos grandes povoados da Idade do Ferro conhecidos na região. Caracterizar a ocupação do sítio ao longo do 1.º milénio a.C. é o objectivo central deste projecto, recorrendo para tal à prospecção geofísica e a novas escavações arqueológicas, sem esquecer a sistematização dos dados das campanhas das décadas de 1980-1990. Esta última preocupação é evidenciada num segundo artigo, que divulga o estudo do espólio osteológico humano recolhido entre 1986 e 2001 no fosso que delimitava o povoado pelo lado Sul. Foi possível não só quantificá-lo e descrevê-lo em termos físicos e patológicos, mas também equacionar questões relacionadas com as suas condições de depósito, ou a hipótese da eventual integração num espaço de necrópole, com a consequente atenção às práticas funerárias que poderão ter sido praticadas pelas comunidades locais. Mas o núcleo urbano antigo de Almada é ainda objecto de outro texto, que resulta do acompanhamento de obra de remodelação de imóvel situado no Pátio dos Rolins. A intervenção arqueológica revelou um novo conjunto de silos de cronologia medieval-moderna, que acresce a outros já conhecidos na zona, o mais impressionante dos quais preservado no Núcleo Medieval-Moderno da Rua da Judiaria, que recente acção de *marketing* rebaptizou de “Museu de Almada - Covas de Pão”. Reabriu totalmente remodelado em 2022 e merece uma visita.

No conjunto, é uma dinâmica de investigação e divulgação que satisfaz cidadãos e agentes do movimento associativo almadense. Esperamos que seja continuada, nomeadamente através da rápida publicitação dos resultados da recente intervenção na fábrica de salga de Cacilhas, de época romana, quer ao nível dos trabalhos arqueológicos, quer do muito discutível “programa de valorização” cuja obra que ainda decorre. Mudando de temática, as páginas desta *Al-Madan Online* dão também sequência ao debate sobre a situação da Arqueologia subaquática em Portugal, com o contraditório de artigo publicado no tomo anterior, em Julho de 2022. É um contributo importante para o diálogo construtivo e sereno que visa melhorar estratégias e práticas na identificação, preservação e gestão de bens culturais em meio aquático ou húmido.

Para além do já destacado, os leitores certamente encontrarão adiante outros motivos de interesse e boa leitura. Como sempre, votos de que esta seja prazerosa e possa decorrer com saúde e em segurança.

Jorge Raposo, 25 de Janeiro de 2023

EDITORIAL... 3 ▶

CRÓNICA

A Chatice das
Referências Bibliográficas... |
José d'Encarnação... 6 ▶



ARQUEOLOGIA



Proj.In.QA: resultados preliminares
de um projecto de investigação em
curso no Sítio Arqueológico da
Quinta do Almaraz (Almada) |
Ana Olaio, Telmo António, Jorge
Almeida e João Santos... 9 ▶

Entre Cartas Arqueológicas e Achadores:
para um debate sobre a Arqueologia
Marítima em Portugal | José Bettencourt,
Augusto Salgado e Jorge
Freire... 21 ▶



Os Ossos
Humanos do Sítio
Arqueológico da Quinta do Almaraz
(Almada): breve descrição antropológica |
Francisco Curate e Ana Olaio... 85 ▶



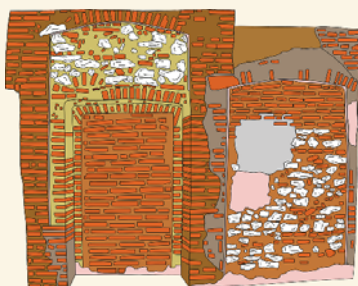
Revisitando a Mata
(Madalena, Tomar): memória de
uma ocupação calcolítica | Júlio
Manuel Pereira... 33 ▶



Pátio do Prior
do Crato, em
“Almada Velha” |
Raquel Henriques...
38 ▶



Uma Nova Visão do Castelo da Crespa (Serpa)
a Partir de um Levantamento Drone-LiDAR |
Miguel Serra, Tiago do Pereiro, Rita Dias, João
Hipólito, José Pedro, João Fonte, Luís Gonçalves
Seco e António Neves... 55 ▶

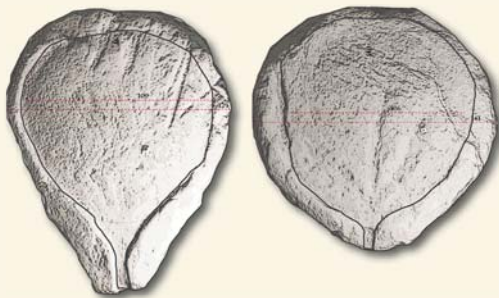


A Arqueologia na
Reabilitação Urbana:
o caso do Pátio dos
Rolins | Vanessa
Gaspar... 45 ▶

Poderes Invisíveis,
Cerimónias Públicas: ensaio
sobre os menires
alentejanos | Rafael
Jaime Henriques...
61 ▶



ESTUDOS



Duas Lagaretas Romanas no Sítio Arqueológico de São Lourenço dos Francos (Miragaia e Marteleira, Lourinhã) | Gerardo Vidal Gonçalves e Dina Borges Pereira... 92 ▶



A Interpretação Virtual da Fortificação dos Açores: o caso do Forte do Tagarete | Diogo Teixeira Dias... 101 ▶

PATRIMÓNIO

Sandálias de Couro em Goa, Séculos XVIII e XIX | Franklin Pereira... 111 ▶



Breve Apontamento Sobre os Barcos Saleiros de Aveiro e Figueira da Foz | Natália Quitério... 119 ▶

NOTICIÁRIO ARQUEOLÓGICO

Trabalhos Arqueológicos na Herdade da Ordem, Vidigueira | Marco Valente e Maria João Marques... 131 ▶

Sistemas de Pastoreio e Estratégias de Alimentação dos Animais Domésticos no Oeste da Península Ibérica Durante a Transição Neolítico-Calcolítico | Vanessa Navarrete... 133 ▶

Outeiro do Circo (Beja), Outras Histórias: um botão da Guerra Peninsular | Miguel Serra e Rui Ribolhos... 135 ▶

EVENTOS

Euro Preh: 1st International Meeting of Doctoral Students in Prehistory | Daniel Van Calker, Luís Rendeiro, Cátia Delicado e André Texugo... 137 ▶

Open House Arqueologia: primeira edição realizada pelo Museu de Lisboa - Teatro Romano, em 2022 | Lídia Fernandes, Carolina Grilo e Patrícia Brum... 142 ▶

A Loquacidade dos Espaços Brancos em Epigrafia | José d'Encarnação... 149 ▶

Agenda de Eventos... 151 ▶

LIVROS & REVISTAS

Heinrich Dressel y el Testaccio: opus magnum de José Remesal Rodríguez | José d'Encarnação... 152 ▶

Novidades editoriais... 154 ▶

Os Ossos Humanos do Sítio Arqueológico da Quinta do Almaraz (Almada)

breve descrição antropológica

Francisco Curate^{1,2} e Ana Olaió³

INTRODUÇÃO

O corpo humano – e, por aditamento conveniente, o esqueleto – é um *locus* essencial da materialidade construída que o erige e posiciona numa tessitura de relações sociais (SOFAER, 2006). É um lugar de suscetibilidade e experimentação, através do qual os indivíduos defrontam e assimilam o mundo, os outros e as suas contingências (MERLEAU-PONTY, 2005; SOFAER, 2006). Desse modo, o corpo esquelético é tão material quanto simbólico, tão predeterminado quanto intersticial, tão vivido e ativo quanto inscrito e passivo, constituindo-se em diacronia pela biologia e pela genética, pela história e pela política, pela cultura e pelos discursos sociais (CROSSLEY, 1996; HARAWAY, 1991). É, pois, um signo e um símbolo de uma pessoa (*na morte*, mas não só), e *latu sensu*, da contextura social que lhe é adjacente, é a pele da cobra que nos diz que houve uma cobra (CURATE, 2011; CURATE *et al.*, 2019). O esqueleto, o corpo-na-morte, evidencia a passagem do tempo, a inevitabilidade da metamorfose física (HALLAM, HOCKEY e HOWARTH, 1999) determinada quer por processos biológicos, quer por processos culturais. O momento da morte e os rituais que o acompanham recolhem-se em fragmentos no esqueleto, no túmulo ou no espaço fúnebre, desdobrando-se em ecos de ecos imemoriais que se expressam tantas vezes num perturbador silêncio. Os mortos decerto não mentem, e todavia nunca nos outorgam todas as hipóteses de verdade (CURATE, 2011).

Durante as intervenções arqueológicas levadas a termo no Sítio Arqueológico da Quinta do Almaraz (Almada), entre 1986 e 2001, foram identificados restos esqueléticos humanos isolados e bastante fragmentados. As primeiras intervenções no povoado da

RESUMO

No âmbito das escavações desenvolvidas, entre 1986 e 2001, no povoado da Idade do Ferro da Quinta do Almaraz (Almada), foram recolhidos restos esqueléticos humanos isolados e bastante fragmentados, pertencentes a pelo menos três indivíduos adultos. O conjunto é composto apenas por fragmentos cranianos, partes de um osso coxal e dentes, sem qualquer tipo de conexão anatómica. Foram maioritariamente identificados em contextos de enchimento do fosso que delimitava o povoado pelo lado sul. Este artigo apresenta os resultados da análise antropológica e das datações por radiocarbono realizadas, integrando estes achados na ocupação da Quinta do Almaraz ao longo do 1.º milénio a.n.e.

PALAVRAS-CHAVE: Idade do Ferro; Fenícios; Antropologia biológica; Antropologia funerária.

ABSTRACT

Excavations carried out between 1986 and 2001 at the Iron Age settlement of the Quinta do Almaraz (Almada) allowed the collection of isolated and fragmented skeleton remains of at least three individuals. The set consists of cranial fragments, bits of a thigh bone and teeth, without any anatomical connection. They were identified mainly among the contexts that filled the trench surrounding the settlement to the south.

This article presents the results of the anthropological analysis and radiocarbon dating, integrating these findings within the 1st millennium B.C. occupation of the Quinta do Almaraz.

KEY WORDS: Iron Age; Phoenicians; Biological Anthropology; Funerary Anthropology.

RÉSUMÉ

Dans le cadre des fouilles développées entre 1986 et 2001 dans le hameau de l'Âge du Fer de la Quinta do Almaraz (Almada), ont été recueillis des restes de squelettes humains isolés et très fragmentés, appartenant à au moins trois individus adultes. L'ensemble est seulement composé de fragments crâniens, de parties d'un os coxal et de dents, sans aucune forme de connexion anatomique. Ils ont été majoritairement identifiés dans des contextes de comblement du fossé qui délimitait le peuplement côté sud.

Cet article présente les résultats de l'analyse anthropologique et des datations réalisées par radiocarbonate, intégrant ces découvertes dans l'occupation de la Quinta do Almaraz au long du 1er millénaire avant notre ère.

MOTS CLÉS: Âge du Fer; Phéniciens; Anthropologie biologique; Anthropologie funéraire.

¹ Universidade de Coimbra, Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, Departamento de Ciências da Vida da Faculdade de Ciências e Tecnologia (franciscocurate@gmail.com; fcurate@uc.pt).

² Instituto Politécnico de Tomar, Escola Superior de Tecnologia.

³ UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Universidade de Lisboa.

Por opção dos autores, o texto segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

Idade do Ferro permitiram reconhecer os testemunhos da sua área de habitação e, particularmente, do seu complexo defensivo, do qual se destaca a presença de um fosso que o rodearia por todo o lado Sul. Os ossos foram maioritariamente recuperados em contextos de enchimento desta estrutura e não se encontravam, aparentemente, num âmbito de inumação (primária ou secundária) – mas sim num contexto de dispersão e destruição dos esqueletos humanos, difícil de reconstruir sem os dados de campo, mas ocorrendo provavelmente sem a mediação de qualquer prática funerária.

Os objetivos principais deste estudo passam pela inventariação e descrição antropológica deste conjunto, contextualizando a presença dos ossos numa área do povoado não associada a qualquer espaço funerário.

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

O Sítio Arqueológico da Quinta do Almaraz foi identificado em 1986 e, até 2001, assistiu a uma primeira fase de intervenções arqueológicas da qual resultou um amplo conjunto que se encontrava, ainda recentemente, maioritariamente por estudar. Por esta razão, em 2020 foi iniciado um projeto de investigação, dirigido por um dos coautores (A.O.) e financiado pela Câmara Municipal de Almada, no âmbito do qual se enquadra a realização deste trabalho.

Almaraz implanta-se numa ampla plataforma na margem esquerda da foz do rio Tejo que supera os 60 metros de altitude, o que lhe confere um absoluto domínio visual sobre o território envolvente, boas condições de defensabilidade e, simultaneamente, um acesso privilegiado ao rio, fatores que foram determinantes na relevância que o povoado adquiriu ao longo da Idade do Ferro (Fig. 1).

As escavações realizadas entre 1986 e 2001 incidiram sobretudo na estrutura defensiva do povoado, o fosso (BARROS, 2001; BARROS, CARDOSO e SABROSA, 1993), razão pela qual a maioria da coleção recolhida provém do seu enchimento. Foi também reconhecido o sector correspondente à área habitacional, tendo o conjunto de intervenções permitido atestar uma intensa ocupação da Idade do Ferro, que poderá ter alcançado os sete hectares de área ocupada (OLAIO *et al.*, 2019; OLAIO, ROBLES HENRIQUES e ANTÓNIO, 2020).

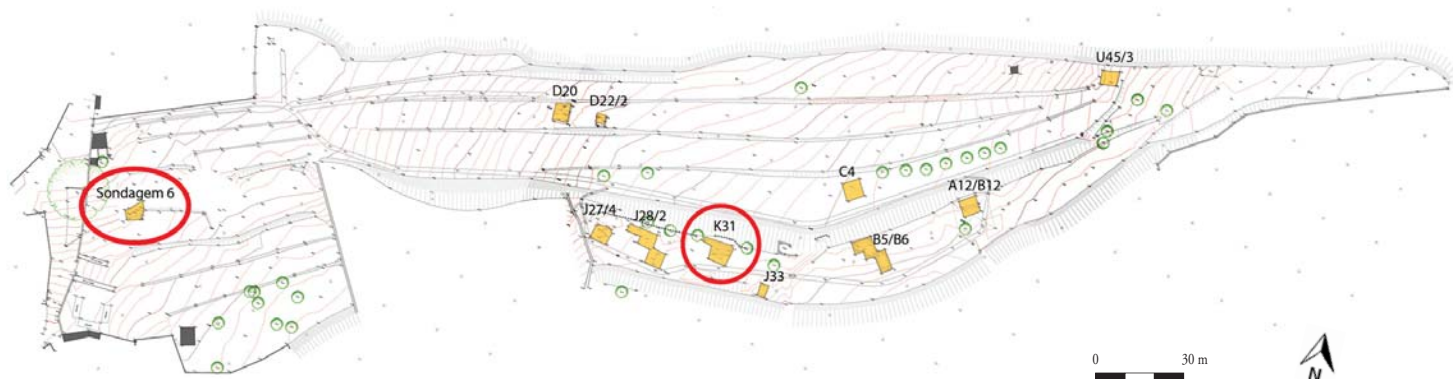
Embora os registos decorrentes das antigas intervenções não permitam uma compreensão aprofundada da estratigrafia e desenvolvimento do povoado, os artefactos até agora analisados indicam que a ocupação de Almaraz recuará, pelo menos, ao século VII a.n.e., atingindo a sua máxima expressão no século VI a.n.e. (OLAIO, 2018).



FIG. 1 – Localização do Sítio Arqueológico da Quinta do Almaraz (Almada) no território português.

A AMOSTRA

Os restos esqueléticos recuperados não apresentam qualquer tipo de conexão anatómica e integram apenas fragmentos cranianos, partes de um osso coxal e dentes – excetuando estes, todos os ossos se encontram incompletos e fragmentados. Os restos esqueléticos aqui analisados foram recolhidos em duas secções escavadas desta estrutura, relativamente distantes entre si, designadamente na então denominada quadrícula “K31”, no Sector 2, e na Sondagem 6, no Sector 3 (Fig. 2). Apenas para um deles existe registo de campo, nomeadamente uma fotografia (Fig. 3), não tendo sobrevivido qualquer outro registo sobre os achados. Um dos fragmentos foi recuperado no crivo, não obstante a ficha associada lhe atribua a proveniência na já mencionada quadrícula K31.



FIGS. 2 e 3 – Em cima, áreas escavadas entre 1986 e 2001. Os restos esqueléticos humanos foram recuperados nas áreas assinaladas por círculos vermelhos.

À direita, o crânio fragmentado e incompleto QA#7 durante a escavação.



METODOLOGIAS DE ANÁLISE

As metodologias empregues na análise antropológica laboratorial foram selecionadas tendo em conta vários fatores, designadamente pelo seu posicionamento nos textos e estudos de referência, exatidão e fiabilidade e, quando possível, desenvolvimento em populações portuguesas e/ou congêneres. Embora as estimativas da idade à morte, sexo designado ao nascimento (isto é, o sexo biológico ou, neste caso, o sexo esquelético) ou estatura, nunca sejam totalmente exatas, os erros podem ser mitigados com uma seleção prudente da metodologia e interpretação refletida dos dados. Todos os ossos foram observados macroscopicamente.

A estimativa do sexo esquelético foi realizada por intermédio de um conjunto de metodologias epitomadas na literatura bioarqueológica / forense de referência (BUIKSTRA e UBELAKER, 1994; CURATE, 2022). Todas as medidas osteométricas foram efetuadas com base nos textos de MARTIN (1928) e BUIKSTRA e UBELAKER (1994). Os instrumentos usados foram a craveira digital, a tábua osteométrica e a fita métrica. A análise paleopatológica estribou-se nos textos canónicos de Ortner (BUIKSTRA, 2019; ORTNER, 2003) e WALDRON (2009).

RESULTADOS

A amostra é constituída por elementos ósseos sem qualquer tipo de conexão anatómica, incompletos e fragmentados. Na sua grande maioria, as alterações tafonómicas encontradas são de natureza mecânica, especificamente sob a forma de fraturas / quebras *post mortem*. De seguida, inventariam-se e detalham-se as características antropológicas dos diferentes fragmentos ósseos recuperados, sugerindo-se também hipóteses interpretativas.

QA#1 Osso Frontal (Crivo, Sector 2E, Quadrícula K31)

Recuperado no crivo. Sem a órbita direita, porção direita destruída. Suturas visíveis, sugerindo um adulto jovem (saliente-se, nada obstante, a irresolução metodológica da estimativa da idade à morte através das suturas). A estimativa do sexo, realizada através de método morfofoscópico (BUIKSTRA e UBELAKER, 1994), não permite aventar mais do que a possibilidade de o osso pertencer a um indivíduo feminino. Na parte superior da órbita esquerda foi identificado um pequeno foco porótico, não ativo, consistente com a designada *cribra orbitalia* (Fig. 4). A anemia por deficiência de ferro tem sido há muito apon-

FIG. 4 – Porosidade, provavelmente *cribra orbitalia*, na margem superior da órbita esquerda do fragmento craniano QA#1, indivíduo adulto, possivelmente do sexo feminino.



tada como etiologia provável da *cribra orbitalia* (STUART-MACADAM, 1989). Contudo, outros trabalhos propõem que a anemia por deficiência de ferro não pode ser a causa da expansão da medula que provoca algumas formas de *cribra orbitalia*, e que estas lesões poderão estar ligadas a carências nutricionais que tolhem o acesso à vitamina B12 e condições sanitárias que fomentam infecções gastrointestinais – elementos relevantes no combinado de fatores sinérgicos que predisõem a manifestação de lesões poróticas nas cavidades orbitais (WALKER *et al.*, 2009). Foi observada também a existência de microporosidade junto ao bregma. Cronologia convencional (Beta 570942) de 2490 +/- 30 BP (Tabela 1).

QA#2 Zigomático direito (Sondagem 6, Sector 3, UE 3)

QA#3 Fragmento de fôramen magnum

(Sondagem 6, Sector 3, UE 4)

QA#4 Fragmento de maxilar superior

(Sondagem 6, Sector 3, UE 4)

Possuía dentes *in situ* (13 [canino], 14 [pré-molar], 15 [pré-molar], 16 [molar], 17 [molar]). Dentes sem cáries, tártaro ou hipoplasias. Canino (13) com desgaste moderado. Indivíduo adulto.

QA#5 Dois fragmentos de osso coxal

(Sondagem 6, Sector 3, UE 4)

Crista ilíaca e acetábulo incompletos. Indivíduo adulto.

QA#6 Fragmentos cranianos indiferenciados

(Sondagem 6, Sector 3, UE 4)

Indivíduo, provavelmente adulto, aparentemente diferente de QA#1. Cronologia convencional (Beta 570941) de 2490 +/- 30 BP (Tabela 1).

QA#7 Crânio fragmentado e incompleto

(Sondagem 6, Sector 3, UE 4)

Indivíduo diferente de QA#1 e QA#6. Adulto. Suturas observáveis, mas difíceis de interpretar em termos etários. Apresentava um osso wormiano: ossos supranumerários que sobrevivem nas suturas cranianas. São ossos irregulares e isolados que surgem fora dos centros de ossificação habituais do crânio, pouco comuns. Cronologia por radiocarbono (Beta-570940) de 2960 +/- 30 BP (Tabela 1).

TABELA 1 – Resultados da datações diretas por radiocarbono (Quinta do Almaraz)

Designação	Amostra	Contexto	Ref. ^a Lab.	Data ¹⁴ C BP	Data cal BC (95,4%)
QA#1	Osso frontal	K31, s/c	Beta-570940	2490 +/-30	781-510
QA#6	Fragmentos cranianos indiferenciados	Sondagem 6, camada 4	Beta-570941	2490 +/- 30	781-510
QA#7	Crânio fragmentado	Sondagem 6	Beta-570942	2960 +/- 30	1263-1056

QA#8 Fragmento do temporal

(Sondagem 6, Sector 3, UE 4)
Indivíduo adulto, provavelmente do sexo masculino (Fig. 5). A estimativa do sexo foi realizada através das medições da apófise mastóide (comprimento da apófise mastóide: 33 mm) e do comprimento entre os pontos anatómicos *porion* e *mastoidale* (35 mm).



FIG. 5 – Apófise mastóide, fragmento de osso temporal QA#8, indivíduo adulto, provavelmente do sexo masculino.

QA#9 Mandíbula (Sondagem 6, Sector 3, UE 4)

Âpices dos *rami* partidos. Todos os dentes presentes, exceto os incisivos – estes foram perdidos *post mortem*. Dentes sem cáries, tártaro ou hipoplasias, com desgaste moderado. Indivíduo adulto, provavelmente do sexo masculino. Largura bigonial: 103,5 mm; altura do corpo mandibular: 31,5 mm; altura do menton (id-gn): 24 mm; largura máxima do *ramus*: 35,5 mm. Provavelmente do sexo masculino (ALBUQUERQUE, 1952).

Resumindo, foram identificados pelo menos três indivíduos (número mínimo de indivíduos) adultos. Foi possível estimar o sexo em três ossos / fragmentos ósseos. A datação de radiocarbono dos fragmentos ósseos QA#1 e QA#6, praticamente igual, permitiria aventar – mas jamais confirmar em definitivo – que os ossos pertencem ao mesmo indivíduo. No entanto, estes fragmentos foram recuperados em áreas do fosso muito distantes entre si; daí a hipótese – mais provável – de representarem dois indivíduos e não um. A fotografia de campo de QA#6, bem como a observação e análise antropológica laboratorial, indicam também que são dois indivíduos e não um. O fragmento QA#7, por seu lado, difere de QA#1 e QA#6 quer do ponto de vista anatómico, quer em termos de datação por radiocarbono.

DISCUSSÃO

O desconhecimento do contexto de escavação, designadamente a falta de registos de escavação diretamente relacionados com os ossos

humanos recolhidos, dificulta a reconstrução dos processos tafonómicos concatenados com as alterações observadas, isto é, a incompletude e a fragmentação superlativas dos restos ósseos humanos. Em suma, os registos estratigráficos, praticamente inexistentes, não permitem uma efetiva caracterização do contexto de recolha. Considerando os dados analisados até à data, é possível compreender que, em algum momento entre os finais do século VI e os inícios do V a.n.e., o fosso passou a ser utilizado como “lixreira” (OLAIO, 2018). Este processo resultou na concentração de um grande conjunto de artefactos e outros elementos no seu enchimento, maioritariamente integráveis na Idade do Ferro, mas também outros associados a etapas anteriores, designadamente ao Bronze Final (ver BATALHA e BARROS, 2018: 54). De facto, as dinâmicas de colmatação de estruturas negativas com estas características revelam-se muitas vezes como fenómenos intrincados e irregulares, podendo ser alvo de sucessivas reaberturas e remeximentos. Ocorrências como estas ter-se-ão certamente constituído como fatores relevantes na eliminação de conexões anatómicas, e na destruição e fragmentação ósseas – e, por si só, podem esclarecer as circunstâncias da deposição final, aparentemente não mediada por gestos fúnebres rituais, no fosso / “lixreira” destes ossos isolados.

A recolha destes ossos no fosso de Almaraz é que permanece por explicar. Por que surgem neste contexto? Uma vez que não existe registo de necrópoles da Idade do Ferro (ou do Bronze Final) no território de

Almada – que, em contextos similares, se localizavam em zonas apartadas dos povoados (ARRUDA, COVANEIRO e CAVACO, 2008) –, a presença destes restos esqueléticos em Almaraz é tão interessante quanto surpreendente. Por outro lado, como já foi bem salientado por outros autores, apesar da relativa diversidade de soluções funerárias documentadas no Sul do território português durante os momentos iniciais da Idade do Ferro, nos contextos até agora identificados no litoral a incineração/cremação constitui parte significativa dos processos rituais funerários (MATALOTO, 2010; GOMES, 2021) – e muito embora a inumação também se registre, está limitada ao interior do território português (IDEM, *ibidem*).

Neste contexto, deve recordar-se a recolha de urnas tipo “Cruz del Negro” no fosso de Almaraz (BATALHA e BARROS, 2018), forma característica do mundo funerário da primeira metade do 1.º milénio a.n.e. do Sul da Península Ibérica e que poderia, também em Almaraz, ter tido uma funcionalidade enquanto recipiente de deposição de restos cremados. Contudo, os ossos agora analisados não se enquadram nesta realidade e revelam, aparentemente, um diferente tratamento do corpo morto.

O contexto é, sem dúvida, marcado pela ambiguidade (STUTZ, 2018): por um lado, não se encontra associado a qualquer espaço funerário, e, por outro, situa-se numa área (o fosso que delimita o povoado, transformado progressivamente em lixeira) verdadeiramente liminar. Os rituais fúnebres, sejam eles quais forem, são quase sempre meândricos, organizados em episódios mais ou menos complexos, podendo redundar, do ponto de vista arqueológico, em restos desarticulados, selecionados e anonimizados (BAUSTIAN, OSTERHOLTZ e COOK, 2014; ROBB, 2016). Desse modo, torna-se legítimo questionar se estes fragmentos ósseos – constituídos na sua maior parte por elementos cranianos – resultam de fenómenos inteiramente tafonómicos, desprovidos de intencionalidade ritual, ou também de tradições em que a coleção e circulação de restos humanos constava dos significados e ritos culturais associados à morte (STUTZ, 2018). Em alguns contextos europeus, os crânios depositados em fossos ou zonas amuralladas podem representar o derradeiro momento de um processo ritual prolongado, onde o corpo-na-morte transita entre pessoas e lugares, sujeitando-se então à fragmentação última (FOWLER, 2004; VILAÇA, 2012). Nada obstante, os dados comparativos são escassos, a necrópole associada ao Sítio Arqueológico da Quinta do Almaraz ainda é mera hipótese teórica, e os ossos estudados pouco permitem concluir. A sua fragmentação traduz incompletude, a incompletude, ausência, e a ausência, silêncio. Ficam, porém, as interrogações e os espaços vazios na narrativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pôde-se, ainda assim, reconstituir uma parte das estatísticas vitais desta pequena amostra osteológica (se bem que em modo tentativo e abreviado): foram identificados pelo menos três indivíduos adultos, um dos quais provavelmente do sexo masculino, e outro possivelmente do sexo feminino. A amostra é decerto enviesada e não representativa. Este “acervo de indivíduos mortos” (CURATE, 2011) discrepa decerto da comunidade do passado na qual tem origem.

As ocorrências patológicas na amostra esquelética do Sítio Arqueológico da Quinta do Almaraz são raras, mas com alguma pertinência casuística. De facto, a *cribra orbitalia* identificada no fragmento craniano QA#1 (um adulto, possivelmente do sexo feminino) aponta para a presença de stresse sistémico em um dos indivíduos observados.

As datações por radiocarbono são instrumentais na arrumação corpórea destes indivíduos no povoamento da Quinta do Almaraz durante o 1.º milénio a.n.e. Contudo, a presença de um indivíduo integrável no Bronze Final, com uma cronologia aproximada à da Bolsa 1 da Quinta do Marcelo (SOARES e ARRUDA, 2017), pode considerar-se demonstrativa a ocupação deste território nos momentos que precederam a Idade do Ferro.

A existência de um povoado com as dimensões e características de Almaraz implicaria, em princípio, a presença de uma necrópole nas suas proximidades, muito embora se ignore em absoluto a sua localização. Os dados aqui apresentados afiguram-se, porém, inequívocos testemunhos diretos de uma comunidade pretérita que só agora começa a ser efetivamente conhecida.

AGRADECIMENTOS

Agradece-se ao Município de Almada, que financiou a realização deste estudo. 

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Rolanda Maria (1952) – “Estudo Antropológico da Mandíbula nos Portugueses”. *Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa*. Coimbra: Tipografia da “Atlântida”. 5 (3): 65-196. Disponível em <https://tinyurl.com/y3sk7c9c>.
- ARRUDA, Ana Margarida; COVANEIRO, Jaquelina e CAVACO, Sandra (2008) – “A Necrópole da Idade do Ferro do Convento da Graça, Tavira”. *Xelb: revista de arqueologia, arte, etnologia e história*. 8 (1): 141-159 (*Actas do V Encontro de Arqueologia do Algarve*). Disponível em <https://tinyurl.com/24b9sj99>.
- BARROS, Luís (2001) – “Quinta do Almaraz: o princípio de Almada Cidade”. *Anais de Almada*. Almada: Câmara Municipal de Almada. 4: 11-24.
- BARROS, Luís; CARDOSO, João Luís e SABROSA, Armando (1993) – “Fenícios na Margem Sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado de Almaraz, Almada”. *Estudos Orientais*. Lisboa: Instituto Oriental. 4: 143-173. Disponível em <https://tinyurl.com/2ty7rkdz>.
- BATALHA, Luísa e BARROS, Luís (2018) – “Alguns Elementos Novos Sobre Almaraz”. *CIRA Arqueologia*. Vila Franca de Xira. 6: 50-69. Disponível em <https://tinyurl.com/4ufn9f34>.

- BAUSTIAN, Kathryn M.; OSTERHOLTZ, Anna J. e COOK, Della Collins (2014) – “Taking analyses of commingled remains into the future: Challenges and prospects”. In OSTERHOLTZ, Anna; BAUSTIAN, Kathryn e MARTIN, Debra. *Commingled and Disarticulated Human Remains: Working Toward Improved Theory, Method, and Data*. Springer, pp. 265-274.
- BUIKSTRA, Jane E. (2019) – *Ortner's Identification of Pathological Conditions in Human Skeletal Remains*. London: Academic Press.
- BUIKSTRA, Jane E. e UBELAKER, Douglas H. (1994) – *Standards for data collection from human skeletal remains*. Arkansas: Arkansas Archaeological Survey (Research Series, 44).
- CROSSLEY, Nick (1996) – “Body-subject / Body-power: Agency, inscription and control in Foucault and Merleau-Ponty”. *Body and Society*. SAGE Journals. 2 (2): 99-116.
- CURATE, Francisco (2011) – *O Perímetro do Declínio: osteoporose e fracturas de fragilidade em três amostras osteológicas identificadas portuguesas – séculos XIX e XX*. Tese de doutoramento em Antropologia Biológica, apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Disponível em <https://tinyurl.com/4hkdd7xn>.
- CURATE, Francisco (2022) – “The Estimation of Sex of Human Skeletal Remains in the Portuguese Identified Collections: History and Prospects”. *Forensic Sciences*. 2 (1): 272-286. Disponível em <https://tinyurl.com/bddabbku>.
- CURATE, Francisco et al. (2019) – “Entre a Vida e a Morte: notas sobre a bioarqueologia da Ermida do Espírito Santo (Almada)”. *Al-Madan Online*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 22 (4): 58-66. Disponível em <https://tinyurl.com/mhanahsy>.
- FOWLER, Chris (2004) – *The Archaeology of Personhood. An anthropological approach*. London: Routledge.
- GOMES, Francisco B. (2021) – *A Necrópole do Olivado do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal, Portugal). Práticas funerárias, Cultura Material e Identidade(s) na Idade do Ferro do Baixo Sado (séculos VII-II a.n.e.)*. Lisboa: UNIARQ (Estudos & Memórias, 17). Disponível em <https://tinyurl.com/4ft4vtby>.
- HALLAM, Elizabeth; HOCKEY, Jenny e HOWARTH, Glennys (1999) – *Beyond the Body: Death and Social Identity*. London: Routledge.
- HARAWAY, Donna (1991) – *Simians, Cyborgs and Women: the Reinvention of Nature*. New York: Routledge.
- MARTIN, Rudolf (1928) – *Lehrbuch der Anthropologie in Systematischer Darstellung mit Besonderer Berücksichtigung der anthropologischen Methoden für Studierende, Ärzte und Forschungsreisende, Kraniaologie, Osteologie*. Jena: Gustav Fischer. Vol. 2.
- MATALOTO, Rui (2010) – “Os Senhores da Terra: necrópoles e comunidades rurais do território alentejano nos séculos VI-I a.C.”. *Arqueologia & História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 60-61: 77-100. Disponível em <https://tinyurl.com/mr2h3nxb>.
- MERLEAU-PONTY, Maurice (2005) – *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard.
- OLAIO, Ana (2018) – “O Povoado da Quinta do Almaraz (Almada, Portugal) no Âmbito da Ocupação no Baixo Tejo Durante o 1o Milénio a.n.e.: os dados do conjunto anfórico”. *SPAL. Revista de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Sevilla*. 27 (2): 125-163. Disponível em <https://tinyurl.com/5cdn4jcw>.
- OLAIO, Ana et al. (2019) – “A Ocupação da Idade do Ferro de Cacilhas (Almada, Portugal)”. *ONOBA. Revista de Arqueologia y Antigüedad*. Universidad de Huelva. 7: 133-159. Disponível em <https://tinyurl.com/3mzfrz43>.
- OLAIO, Ana; ROBLES HENRIQUES, Fernando e ANTÓNIO, Telmo (2020) – “Singularidades de uma Matriz Comum: arquitectura e urbanismo orientalizante na Quinta do Almaraz (Almada, Portugal)”. In CELESTINO PÉREZ, Sebastián e RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, Eshter (eds.). *Un Viaje entre el Oriente y el Occidente del Mediterráneo*. Mérida: Instituto Arqueológico de Mérida, pp. 1795-1803 (MYTRA, 5 - Actas IX Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos, vol. 4).
- ORTNER, Donald J. (2003) – *Identification of Pathological Conditions in Human Skeletal Remains*. San Diego, CA: Academic Press.
- ROBB, John (2016) – “What can we really say about skeletal part representation, MNI and funerary ritual? A simulation approach”. *Journal of Archaeological Science: Reports*. 10: 684-692.
- SOARES, António Monge e ARRUDA, Ana Margarida (2017) – “A Cronologia de Radiocarbono para a Idade do Ferro Orientalizante no Território Português. Uma leitura crítica dos dados arqueométricos e arqueológicos”. In BARCLEÓ, Juan Antonio; BOGDANOVIC, Igor e MORELL, Berta (eds.). *IberCrono 2016 Cronometrias Para la Historia de la Península Ibérica (Chronometry for the History of the Iberian Peninsula)*. Barcelona: CEUR Workshop Proceedings, pp. 235-259. Disponível em <https://tinyurl.com/2t2xp6am>.
- SOFAER, Joanna R. (2006) – *The body as material culture: A theoretical osteoarchaeology*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- STUART-MACADAM, Patty (1989) – “Porotic Hyperostosis: Relationship Between Orbital and Vault Lesions”. *American Journal of Physical Anthropology*. 80 (2): 187-193.
- STUTZ, Liv Nilsson (2018) – “From Here and to Death: The Archaeology of the Human Body”. In ROBEN, Antonius C. G. M. (ed.). *A Companion to the Anthropology of Death*. Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell, pp. 321-335.
- VILAÇA, Raquel (2012) – “Da Morte e Seus Rituais em Finais da Idade do Bronze no Centro de Portugal: 20 anos de investigação”. In CRUZ, Domingos J. (ed.). *Actas da Mesa-Redonda “A Pré-história e a Proto-história no Centro de Portugal: avaliação e perspectivas de futuro”*. Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, pp. 101-124 (Estudos Pré-históricos, 17). Disponível em <https://tinyurl.com/hhyv2y4m>.
- WALDRON, Tony (2009) – *Paleopathology*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- WALKER, Phillip L. et al. (2009) – “The causes of porotic hyperostosis and cribra orbitalia: A reappraisal of the iron-deficiency-anemia hypothesis”. *American Journal of Physical Anthropology*. 139 (2): 109-125.
- [todas as ligações à Internet apresentadas estavam activas em 2023-01-10]

PUBLICIDADE



Associação de Utilidade Pública Sem Fins Lucrativos
Organização Não-Governamental de Ambiente

[travessa Luís teorónio pereira, cova da piedade, almada]
[212 766 975 | 967 354 861]
[c.arqueo.alm@gmail.com]
[http://www.caa.org.pt]
[http://www.facebook.com]

**uma Associação
em que dá gosto
participar!**

**CENTRO DE
ARQUEOLOGIA
DE ALMADA
1972-2023**

51 anos de intervenção social,
a promover uma visão integrada da
Arqueologia, do Património Cultural e
Ambiental e da História local e regional,
no exercício partilhado de uma cidadania
cultural e cientificamente informada.

peça já a sua ficha de inscrição